

Ser LGBT no Ensino Superior brasileiro: uma cartografia crítica sobre a produção de subjetividades, identidades de gênero e sexualidades não-normativas no âmbito acadêmico

Cláudia Samuel Kessler¹

Fernanda Alves²

Nathália Arantes³

Resumo: O presente artigo reflete sobre a construção de subjetividades, identidades de gênero e sexualidades não-normativas de estudantes universitários brasileiros. Partindo de uma breve retomada histórica de projetos universitários que contestam a queer-homo-trans-interfobia, o presente trabalho analisa a importância dos espaços de diálogo na promoção de espaços mais inclusivos.

Palavras-chave: educação, universidade, sexualidade, gênero, LGBTQIA.

Ingressar em curso superior numa universidade pública pode ser o resultado do investimento de muito tempo, dinheiro e dedicação. Essa época também promove descobertas, não apenas em direção a novos conhecimentos formais, mas também de conhecimento de novas pessoas, novos ambientes, etc. Mas seria também este um espaço de conhecimento de si?

O ambiente acadêmico é composto por uma vasta pluralidade física, social e cultural. Há a possibilidade de interação entre pessoas de diferentes grupos étnico-raciais, classes sociais, gêneros e sexualidades. Pessoas que se encontram em salas de aula, bibliotecas, laboratórios, salões de eventos, etc. Espaços de aprendizagem de técnicas e compartilhamento de experiências. Pode o ambiente acadêmico proporcionar espaços específicos para a expressão de sujeitos com identidades de gênero e sexualidades não-normativas? E de que maneira se dá a inclusão desses sujeitos no âmbito universitário?

Com o intuito de situar brevemente o/a leitor/a, apresentamos uma retomada histórica sobre projetos que oportunizam uma outra perspectiva das práticas de construção de subjetividades dissonantes. Em 2012, a Universidade de Brasília (UnB) institucionalizou o “Programa de Combate à Lesbofobia, Homofobia, Bifobia e Transfobia” (LIONÇO et al., 2016). O projeto de extensão interdisciplinar “Escuta Diversa” serve como uma rede de proteção à comunidade LGBT, formada por docentes e discentes de Psicologia, Serviço Social e Direito.

¹ Jornalista e cientista social. Doutora em Antropologia Social (UFRGS). Mestre em Ciências Sociais (UFSM). Email: jornalista24h@gmail.com

² Psicóloga e cientista social. Mestranda em Psicologia (UFSM). Email: falves.psi@gmail.com

³ Graduada em Ciências Sociais (UFSM). Email: nathy.arantes@live.com

Em novembro de 2015, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), um grupo de cerca de 15 estudantes formaram o grupo Colorir-FEBF, visando fomentar o debate e desconstruir estereótipos, estigmas e visibilizar outros modelos de existir. Além disso, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidade (NuDES) constrói ações de enfrentamento ao machismo, sexismo, misoginia e LGBTfobia².

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) lançou no primeiro semestre de 2016 a "Política LGBT da UFPE", que visa "favorecer o acolhimento, a inserção e a permanência dessa comunidade na Universidade", com a promoção de ações afirmativas e a inclusão pela educação. Incluindo um conjunto de ações, pode-se citar o uso do nome social para a população trans em documentos institucionais e uma campanha em cartilhas, banners e tv universitária. Foca-se também na capacitação de servidores e a criação de uma ouvidoria da diversidade, um prêmio que fortaleça pesquisas nesta área e um regimento ético que preveja punições. De maneira mais ativa, preocupa-se também em estabelecer parcerias com instituições públicas e privadas para a inserção da população LGBT no mercado de trabalho.

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, foi criado no segundo semestre de 2016 o projeto de extensão "Grupo de Apoio e Debate de Questões LGBTQIA", com o intuito de servir como espaço para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgênero (identidade sexual e expressão de gênero), queer, intersexo, assexuais e apoiadores. A partir de sessões semanais de grupo com a mediação de profissional de Psicologia, são promovidos espaços de convivência e compartilhamento de experiências às pessoas LGBTQIA.

Os encontros promovidos em Santa Maria, em seu primeiro semestre, abrangiam demandas livres dos participantes. No segundo semestre, os diálogos partiram de questões cotidianas (e inclusive teorias) acerca de temáticas escolhidas pelos integrantes. Em grande medida, questões do universo de relações estabelecidas tanto dentro quanto fora do ambiente universitário, envolvendo as diversas esferas das vidas afetivas, sexuais, familiares e profissionais. Tais temáticas incluem temas como: assexualidade, poligamia, relacionamentos por aplicativos virtuais, identidade trans, DSTs, empoderamento, relacionamentos abusivos, pornografia, vida profissional e religiosidade.

² Conforme Souza (2015), desde 2003 é realizado em universidades públicas o Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (ENUDES), com o intuito de combater a homofobia no movimento estudantil. A partir desse evento, houve mais visibilidade para coletivos como o PRISMA (da Unicamp) e a formação do KIU (da Universidade Federal de Bahia). Atualmente, pode-se ainda ressaltar o grupo Lamparinas, da Universidade Federal Fluminense, que atua no curso de Direito, combatendo a opressão no meio acadêmico e jurídico. Tais coletivos, em certa medida, auxiliam a deslegitimar o racismo, o sexismo, o classismo, a homo/transfobia, a xenofobia e o capacitismo.

Espaços que incluem vozes que fogem do padrão tradicional permitem uma pluralidade capaz de tensionar discursos, explicitar conflitos e provocar inquietações. A visibilidade do grupo, entretanto, é negociada, bem como suas regras. Alguns participantes preferem expor suas ideias sem perder o anonimato, pois familiares e amigos não apoiam ou querem apenas expressar-se e construir subjetividades. Outros não se importam com a visibilidade e a explicitam de diversas formas de expressão visuais.

A importância de espaços estudantis que promovam a diversidade sexual e de gênero se renova quando se percebe a existência de manifestações de ódio e preconceito tais como as demonstradas em pichações homofóbicas e machistas nos banheiros da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em fevereiro de 2017, com dizeres como "VIADO e Feministas no Mack, NÃO!!" ou "Gay não é gente. Fora do Mackenzie" (EFRAIM, 2017). Tais mensagens sustentam-se na pressuposição de que a heteronormatividade deve servir como padrão de referência de comportamento para todos, justificando a exclusão de quem estiver fora da norma.

Segundo Cardoso (2016, p.31) "A educação de valores, na cultura da diversidade, é bem mais complexa do que aquela fundada numa visão homogênea do mundo". No mesmo sentido, Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011, p.89) afirmam que, ao incorporar a diversidade cultural na educação, busca-se "(...) questionar pressupostos teóricos e implicações pedagógicas e curriculares de uma educação voltada à valorização da identidade múltipla no âmbito da educação formal". Para as autoras, precisa-se pensar formas de educar que superem o modelo hegemônico homem-branco-adulto-heterossexual-cristão. Contrariando a indiferença da maioria das instituições educacionais brasileiras em relação a esta temática, pode-se refletir sobre a dimensão predominante, que homogeneiza e subordina a um modelo único.

A expressão de subjetividades que não se adequem aos padrões de gênero e sexualidade é desafiadora. Dentre os desafios que ela coloca aos ambientes educacionais, está a capacidade de transformá-los em espaços de convivência saudáveis, onde haja o cultivo de respeito, solidariedade, tolerância, inclusão e cidadania. A atuação coletiva pode servir como ferramenta que evita a exclusão e promove um exercício mais livre das subjetividades.

Referências

- ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. *A diferença e a diversidade na educação*. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2. p. 85-97.
- CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. Alguns fundamentos para a Educação na Diversidade. In: SANDRINHA, Antonio Carlos; TENÓRIO, Adriana; FREITAS, Vinicius de. *Diversidade e o campo da educação: (re) leituras e abordagens contemporâneas*. Macapá: UNIFAP, 2016, p. 30-43.



EFRAIM, Anita. Banheiros de universidade são pichados com ofensas homofóbicas e machistas. Estado de São Paulo. 23 fev. 2017. Disponível em:

<<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,banheiros-de-universidade-sao-pichados-com-ofensas-homofobicas-e-machistas,70001677216>>. Acesso: 12 mai 2017.

LIONÇO, Tatiana; TAVIRA, Larissa V.; BAÉRE, Felipe; PORTELA, Raquel de S. *Escuta Diversa: Análise da implementação de um serviço de acolhimento e de articulação de rede de proteção para a comunidade LGBT da UnB. Anais do 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero. Vitória -ES.* Disponível

em:<http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467426591_ARQUIVO_escuta_diversa_resumoexpandido_final_2016.pdf>. Acesso: 12 mai 2017.

SOUZA, Marcelo Henrique de. *A militância LGBT na universidade: um estudo de caso do coletivo KIU.* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares, da Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 91 p.